



A COSTUREIRA GERUSA COM O FILHO JOSÉ: FALTA ATÉ ROUPA DE CAMA

HUB vai fechar

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Os tempos áureos, na década de 80, acabaram. O único hospital universitário do Distrito Federal, o HUB, suspenderá as atividades de 26 a 30 de abril por falta de recursos para mantê-lo. A crise anunciada há quase dez anos chegou ao limite. Não tem papel higiênico e toalhas descartáveis no banheiro. Faltam fios cirúrgicos para as suturas e até detergente e água sanitária para limpar e desinfetar o chão.

De sobra, só mesmo equipamentos de alta tecnologia doados ao hospital. E a determinação de médicos, alunos e funcionários para atender aos 14 mil pacientes por mês que procuram o HUB, na 606 Norte, por não conseguir vaga na rede pública do DF.

No almoxarifado de material médico, a farmacêutica Júnia Fonseca mostra as prateleiras vazias. "Falta o algodão zero (tipo de fio cirúrgico) e o algodão dois zero só dá para mais dois dias (até sexta-feira passada). Eles são os mais utilizados. Há muito tempo trabalhamos com o estoque no limite", conta. Outro produto em falta é o eletrodo para monitoração cardíaca. O fornecedor não quer mais vendê-lo ao hospital porque a dívida com ele é alta.

Remédios também estão em falta. No almoxarifado da farmácia, há mais de três meses não tem o Docetaxel, usado para tratamento de quimioterapia. Os pacientes de câncer atendidos no hospital tiveram de interromper o tratamento. O fornecedor também desistiram de enviar o medicamento de alto custo — um frasco de 80 ml é vendido R\$ 1 mil.

Os internados com anemia terão de tirar do bolso o dinheiro para comprar sulfato ferroso. O estoque terminou. Também acabaram as amicacinas, clidamicinas e amoxicilinas com clavulanato de potássio, três antibióticos. Dos 400 tipos de medicamentos no almoxarifado, faltam 150. "Não temos condições de atender novos pacientes com Aids há um mês, além daqueles que acompanhamos no hospital. Muitos têm problemas provocados pela doença e precisam ser frequentemente

internados e tomar remédios caros", conta o diretor Cláudio Bernardo Pedrosa de Freitas.

Na ala de internação pediátrica, as mães reclamam da falta de higienização dos quartos e banheiros. "Não tem roupa de cama suficiente. Pra lavar a que está na cama do meu filho, tem de esperar secar. Nem sempre elas trazem outra na mesma hora", diz a costureira Gerusa Marmelina Ribeiro, 38 anos. José Marques Ribeiro, 8, está internado há três semanas.

Gerusa, que deixou os outros quatro filhos em casa com o marido ajudante de pedreiro, come as quentinhas fornecidas pelo hospital. Não tem dinheiro para comer fora. Ela agradece a comida que recebe, mas conta que às vezes falta. "É sempre a mesma coisa, e a prioridade é para as crianças. Já fiquei com fome aqui dentro", diz.

Alimentação

A comida preparada na cozinha do hospital é praticamente a mesma todos os dias. "Sempre tem alguma carne, arroz e verdura, mas temos dificuldade em variar, principalmente, as frutas", reconhece a nutricionista do HUB, Ana Paula Ferreira. Nos próximos dias, o estoque de arroz vai acabar. E o fornecedor já avisou que não vai mandar mais.

A auxiliar de enfermagem Marisa Montalvão, da internação pediátrica, reclama ainda da falta de materiais para usar no atendimento às crianças. "Aqui sempre tem alguma coisa faltando ou está perto de acabar. Quando não falta não é de boa qualidade porque são comprados com o suprimento de fundos do hospital. E temos de economizar", comenta.

Há um mês, apenas os antigos pacientes do HUB conseguem ser atendidos na emergência e marcar consultas. "Se a situação ficar como está terei de fechar o hospital por tempo indeterminado. Não temos como pagar os fornecedores que, a cada dia, ameaçam suspender a entrega de materiais e até alimentos", disse o diretor do HUB, Cláudio de Freitas.

LEIA MAIS SOBRE A
CRISE NO HUB NA

PÁGINA 28